

Capítulo publicado. Referência:

Moreira-Almeida, Alexander; Alberto, Klaus Chaves. Allan Kardec e o desenvolvimento de um programa de pesquisa em experiências psíquicas. In: Jader dos Reis Sampaio. (Org.). A temática espírita na pesquisa contemporânea. São Paulo - SP: Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo, 2010, p. 132-158.

ALLAN KARDEC E O DESENVOLVIMENTO DE UM PROGRAMA DE PESQUISA EM EXPERIÊNCIAS PSÍQUICAS

ALEXANDER MOREIRA-ALMEIDA
alex.ma@ufjf.edu.br

KLAUS CHAVES ALBERTO
klauschavesalberto@gmail.com

RESUMO

Allan Kardec foi um dos primeiros acadêmicos a propor uma investigação científica dos fenômenos psíquicos¹, mas detalhes de sua vida e de seu trabalho de pesquisa não são bem conhecidos e, freqüentemente, têm sido mal interpretados. O objetivo desse artigo é descrever os primeiros passos de sua pesquisa seminal e as várias diretrizes epistemológicas/metodológicas por ele propostas para desenvolver um programa de pesquisa científica que abarcasse os fenômenos psíquicos. Ele aceitou que a fraude, a alucinação, a atividade cerebral inconsciente e a projeção do pensamento poderiam explicar muitos fenômenos tidos como mediúnicos. Entretanto, para Kardec, um amplo estudo da mediunidade indica que o entendimento da existência de uma origem espiritual para o fenômeno seria a melhor forma de compreendê-lo.

¹ Apesar de reconhecer possíveis especificidades de cada um dos termos, neste artigo, as palavras físico, parapsicológico e mediúnico serão utilizadas de maneira bastante flexível para designar o conjunto de fenômenos estudados pela parapsicologia, pela pesquisa psíquica e pelo Espiritismo.

1. INTRODUÇÃO

Allan Kardec foi pioneiro na proposição de uma pesquisa científica dos fenômenos psíquicos, em meados do século XIX. Para proceder a essa investigação, ele desenvolveu um programa de pesquisa com uma abrangente teoria que denominou “Espiritismo”. Atualmente, as principais idéias do Espiritismo tornaram-se um movimento social, resultando em centros de cura, instituições de caridade e hospitais envolvendo milhões de pessoas em dezenas de países, em sua maior parte no Brasil (Aubrée & Laplantine, 1990; CEI, 2008; Moreira-Almeida & Lotufo Neto, 2005). Apesar dos livros de Kardec possuírem apelo popular no Brasil, vendendo milhões de cópias, seu trabalho e sua metodologia de pesquisa são relativamente pouco conhecidos, tanto por espíritas quanto por parapsicólogos, havendo informações imprecisas e mal-entendidos em ambos os campos (Fodor, 1966; Melton, 1966).

O objetivo deste artigo é apresentar os primeiros passos de Kardec no desenvolvimento de seu programa de pesquisa, denominado Espiritismo. Serão apresentadas, também, algumas diretrizes epistemológicas propostas por ele para uma frutífera investigação dos fenômenos físicos. Visando captar mais diretamente as idéias e os métodos de Kardec, a pesquisa foi desenvolvida diretamente sobre as fontes primárias, ou seja, nos seus próprios escritos constituídos por diversos livros e doze volumes da “Revue Spirite”, revista mensal editada e publicada por Kardec de 1858 até seu falecimento, em 1869.

2. EM BUSCA DE UMA ESTRUTURA CONCEITUAL PARA EXPLICAR FENÔMENOS MEDIÚNICOS

Kardec não aceitava a existência do sobrenatural ou de milagres. Assumia que todo fenômeno que ocorre na natureza deve ter uma explicação natural, seguindo alguma forma de lei passível de ser investigada cientificamente. Algo pode ser inexplicado porque suas causas são desconhecidas em certo período histórico, mas não inexplicável (Kardec, 1859/1999; 1868).

Kardec enfatizou várias vezes que deveríamos ser muito cuidadosos em atribuir aos espíritos todos os tipos de fenômenos extraordinários ou que não pudéssemos compreender.

Nunca seria demais insistir sobre este ponto, a fim de pôr em guarda contra os efeitos da imaginação e, muitas vezes, do medo. Quando se produz um fenômeno extraordinário — repetimo-lo — o primeiro pensamento deve ser que tenha uma causa natural, por ser a mais freqüente e mais provável (Kardec, 1860a:81).

Face aos fenômenos mediúnicos, como as mesas girantes e outros similares, Kardec propôs a utilização de uma abordagem científica para entendê-los:

Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam que não podem ser explicados pelas leis conhecidas; ele os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos às causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhes as conseqüências e busca as aplicações úteis. *Não estabeleceu nenhuma teoria preconcebida.* (...) É, pois, rigorosamente exato dizer-se que o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação. As ciências só fizeram progressos importantes depois que seus estudos se basearam sobre o método experimental; até então, acreditou-se que esse método também só era aplicável à matéria, ao passo que o é também às coisas metafísicas. (Kardec, 1868/2002:20).

Vale ressaltar que os livros de Kardec sobre Espiritismo contêm basicamente as teorias por ele desenvolvidas a partir das investigações das manifestações mediúnicas. Esses livros discutem o que ele denomina de “filosofia espírita” que emergiu dessa investigação. Por vezes aludem brevemente a relatos de casos ou evidências empíricas que fundamentam a teoria, todo esse conteúdo foi apresentado por ele de forma integral na Revista Espírita. Nesse periódico, descreveu muitos fatos que testemunhou ou que foram testemunhados por vários dos seus correspondentes ao redor do mundo. Geralmente, essas ocorrências não eram relatadas de forma minuciosa, como mais tarde se tornou praxe na *Society for Psychical Research*, que veio a ser outro importante núcleo de pesquisas do século XIX, na Inglaterra. Kardec considerava a Revista Espírita como um “laboratório”: costumava apresentar relatórios e discutir possíveis explicações para todos os tipos de manifestações mediúnicas físicas ou mentais e, regularmente, apresentava hipóteses para serem testadas e analisadas pelos leitores.

Muitos textos e teorias inicialmente publicados na Revista foram, mais tarde, publicados de forma mais desenvolvida em seus livros (Kardec, 1858i; 1868).

Adiante, serão apresentadas e discutidas, resumidamente, as abordagens iniciais de Kardec em relação aos fenômenos mediúnicos e as principais hipóteses por ele exploradas na busca por uma explicação para todo o conjunto de fenômenos psíquicos observados.

Fraude

Kardec reconheceu que muitas das alegadas manifestações mediúnicas tiveram como causa truques ou charlatanismo. Enfatizou que seria necessário estar sempre ciente da possibilidade de fraude, a qual deveria ser denunciada sem constrangimentos: “o Espiritismo só terá a ganhar com o desmascaramento dos impostores” (Kardec, 1959:103). No entanto, Kardec negou que truques pudessem explicar todos os tipos de fenômenos observados. Abaixo, listamos algumas das razões por ele apresentadas para fundamentar essa alegação:

- Freqüentemente a acusação de fraude é levantada sem evidências, mas, simplesmente, porque se testemunha uma ordem de fatos que não se consegue explicar (Kardec, 1859/1999).
- A possibilidade de imitação de muitas manifestações mediúnicas, não implica na impossibilidade da manifestação real. “De tudo se abusa, até das coisas mais santas. Por que não abusariam do Espiritismo? Porém, o mau uso que de uma coisa se faça não autoriza que ela seja prejudgada desfavoravelmente.” (Kardec, 1861/2002:55).
- É difícil pensar que milhares de pessoas envolvidas com a mediunidade em todo o mundo participem da mesma fraude (Kardec, 1859/1999).
- Fraude é muito mais provável entre médiuns que fazem da mediunidade uma fonte de lucro pecuniário, especialmente quando afirmam a capacidade de produção das manifestações mediúnicas à sua própria vontade. Kardec sempre se opôs a médiuns pagos:

Não ignoramos que a nossa severidade para com os médiuns interesseiros levanta contra nós todos os que exploram, ou se vêm tentados a explorar essa nova indústria, fazendo-os, bem como de seus amigos, que naturalmente lhes esposam a opinião, encarniçados inimigos nossos. (...) não vemos, com efeito, como se provaria que não há mais facilidade de se encontrarem a fraude e os abusos na especulação, do que no desinteresse. Quanto a nós, se os nossos escritos não contribuído para desacreditar, assim na França, como em outros países, a mediunidade interesseira, entendemos que esse não será dos menores serviços que tenhamos prestado ao Espiritismo sério (Kardec, 1861/2002:413-14).

- Na mediunidade física torna-se impossível julgar o conteúdo da manifestação mediúnica, nesse sentido este tipo de mediunidade é mais sujeita à fraude do que a intelectual. É difícil qualificar como fraude manifestações em que médiuns demonstram ter conhecimento de fatos particulares e traços de personalidade de pessoas falecidas que eram desconhecidas deles e dos demais participantes da sessão (Kardec, 1861/2002).

Alucinação

Kardec compreendia que pessoas supersticiosas ou crédulas são mais propensas a aceitar como experiências psíquicas alguns fenômenos com causas estritamente fisiológicas como é o caso das alucinações. Mas enfatizava que a alucinação não era resposta suficiente para todos os tipos de percepções anômalas.

Segundo Kardec, a melhor forma de excluir a hipótese de alucinação era a observação do que ele denominava de “sinais inteligentes” na percepção, ou seja, quando era possível obter-se evidência de um fato verídico e verificável, desconhecido para a pessoa que teve a experiência (Kardec, 1860; 1861/202).

Além desses sinais, a alucinação deixa de ser uma explicação plausível quando muitas pessoas são testemunhas de um mesmo fato ou quando uma mesa é vista levitando no ar e se quebra ao cair no chão (Kardec, 1861/2002:56).

Entre a metade do século XIX e o começo do século XX, era comum considerarem-se médiuns, ou qualquer um envolvido com espiritualismo, como doente mental. Kardec escreveu vários artigos refutando essa alegação, utilizando-se de vários argumentos metodológicos e epistemológicos discutidos em outros artigos (Almeida, 2007; Moreira-Almeida & Lotufo Neto, 2005; Moreira-Almeida et al., 2005).

Causa Física

Conforme explicado na seção anterior, a causa física era a primeira explicação levantada por Kardec quando foi informado sobre as mesas girantes. Mas, as manifestações físicas por ele observadas não eram meramente mecânicas; mostravam vontade e inteligência:

quando aqueles movimentos e batidas demonstraram inteligência, quando foi reconhecido que respondiam aos nossos pensamentos com completa liberdade, sentimo-nos compelidos a concluir que, se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve possuir uma causa inteligente. É possível aceitar que um fluido produza tais fenômenos sem se admitir que se trate de um fluido inteligente? (Kardec, 1859/1999:26).

Depois de chegar à conclusão de que os fenômenos observados eram reais e causados por uma fonte inteligente, investigar a origem dessa fonte inteligente tornou-se o principal objetivo de Kardec. Ele discutiu mais profundamente as potenciais fontes de manifestações mediúnicas: a mente dos médiuns (sonambulismo); a mente dos presentes (transmissão de pensamento) e espíritos desencarnados (Kardec, 1861/2002). Kardec considerava esta última como sendo uma hipótese de grande valor: “Resta-nos ainda examinar duas objeções, únicas que realmente merecem este nome, porque se baseiam em teorias racionais. Ambas admitem a realidade de todos os fenômenos materiais e morais, mas excluem a intervenção dos Espíritos”. (Kardec, 1860/2002:42).

Serão apresentados, a seguir, os comentários de Kardec acerca dessas duas hipóteses consideradas de grande valor: Sonambulismo e Transmissão de Pensamento.

Sonambulismo (Atividade Inconsciente, incluindo a Clarividência)

De acordo com essa teoria, enquanto o médium encontra-se em estado alterado de consciência (“sonambulismo em estado de alerta”), ocorre uma momentânea

superexcitação de suas faculdades mentais, uma espécie de sonambulismo ou estado de êxtase que exalta e desenvolve a inteligência (Kardec, 1861/2002).

Nesse estado, as faculdades intelectuais adquirem um desenvolvimento anormal; o círculo das operações intuitivas se amplia para além das raias da nossa concepção ordinária. Assim sendo, o médium tiraria de si mesmo e por efeito da sua lucidez tudo o que diz e todas as noções que transmite, mesmo sobre os assuntos que mais estranhos lhe sejam, quando no estado habitual (Kardec, 1860/2002:42-3).

Kardec reconhece que essa explicação é verdadeira para muitas alegadas “comunicações espirituais” e que em todas as comunicações mediúnicas existe influência da mente do médium (Kardec, 1861/1986); entretanto, ele nega que essa hipótese possa explicar todos os tipos observados de manifestação mediúnica, dentre os quais:

a cesta se move sob a influência do médium, apenas lhe impondo este os dedos sobre os bordos. O exame do fato demonstra a impossibilidade de o médium imprimir uma direção qualquer ao movimento daquele objeto. Essa impossibilidade se patenteia, sobretudo, quando duas ou três pessoas colocam juntamente as mãos sobre a cesta. Fora preciso entre elas uma concordância verdadeiramente fenomenal de movimentos. Fora preciso, demais, a concordância dos pensamentos, para que pudessem estar de acordo quanto à resposta a dar à questão formulada. Outro fato, não menos singular, ainda vem aumentar a dificuldade. É a mudança radical da caligrafia, conforme o Espírito que se manifesta, reproduzindo-se a de um determinado Espírito todas as vezes que ele volta a escrever” (Kardec, 1860/2002:21-2).

Outras explicações seriam as respostas mediúnicas às questões apresentadas pelos presentes. Algumas vezes essas questões

estão notoriamente fora do campo dos conhecimentos e, amiúde, do alcance intelectual do médium, que, além disso, como de ordinário sucede, não tem consciência do que se escreve debaixo da sua influência; que, freqüentemente, não entende ou não compreende a questão proposta, pois que esta o pode ser num idioma que ele desconheça, ou mesmo mentalmente, podendo a resposta ser dada nesse idioma (Kardec, 1860/2002:22).

Não podemos compreender como o transe faria com que alguém escrevesse aquilo que não sabe, (...) as provas da ação de uma inteligência independente da do médium são tão incontestes que não nos deixam qualquer dúvida. A falha da maioria das teorias avançadas nos primórdios do Espiritismo é a chegada a conclusões a partir de fatos isolados” (Kardec, 1861/1986:40).

Transmissão de Pensamento (Telepatia, Super-psi)

Kardec denominava *transmissão de pensamento* o que Myers chamaria *telepatia* algumas décadas depois (Gauld, 1968). E é da seguinte forma que Kardec descreve a referida teoria. “O médium será então uma espécie de espelho a refletir todas as idéias, todos os pensamentos e todos os conhecimentos das pessoas que o cercam; nada diria que não fosse conhecido, pelo menos, de algumas destas” (Kardec, 1860/2002:43).

Essa hipótese foi a suposição inicial de Kardec para a origem da fonte inteligente dos fenômenos mediúnicos (Kardec, 1859/1999). Mas, embora compreendesse seu valor explicativo (Kardec, 1858d), acreditava que esta hipótese não podia explicar todo o conjunto de evidências empíricas disponíveis:

Quando se lhes demonstra, até à evidência, que certas comunicações do médium são completamente estranhas aos pensamentos, aos conhecimentos, às opiniões mesmo de todos os assistentes, que essas comunicações freqüentemente são espontâneas e contradizem todas as idéias preconcebidas (Kardec, 1860/2002:44).

Como explicar, pela reflexão do pensamento, as escritas feitas por pessoas que não sabem escrever; as respostas do mais alto alcance filosófico, obtidas por indivíduos iletrados; as respostas dadas a perguntas mentais, ou em língua que o médium desconhece e mil outros fatos que não permitem dúvida sobre a independência da inteligência que se manifesta? A opinião oposta não pode deixar de resultar de falta de observação (Kardec, 1861/2002:60).

Como a fonte da comunicação não parecia estar presente entre os circunstantes, Kardec finalmente discutiu uma última hipótese, que atualmente é denominada “super-psi” ou “super-ESP” (Braude, 1992; Gauld, 1961; 1982):

“Respondem que a irradiação vai muito além do círculo imediato que nos envolve; o médium é o reflexo de toda a Humanidade, de tal sorte que, se as inspirações não lhe vêm dos que se acham a seu lado, ele as vai beber fora, na cidade, no país, em todo o globo e até nas outras esferas” (Kardec, 1860/2002:44).

Ao responder a essa hipótese, Kardec utilizou um argumento epistemológico: para um determinado conjunto de fatos, se houver duas teorias rivais com semelhante poder explicativo e outras propriedades heurísticas, deve-se geralmente escolher a mais simples delas (Hempel, 1966; Chibeni & Moreira-Almeida, 2007):

“Não me parece que em semelhante teoria se encontre explicação mais simples e mais provável que a do Espiritismo, visto que ela se baseia numa causa bem mais maravilhosa. A idéia de que seres que povoam os espaços e que, em contacto conosco, nos comunicam seus pensamentos, nada tem que choque mais a razão do que a suposição

dessa irradiação universal, vindo, de todos os pontos do Universo, concentrar-se no cérebro de um indivíduo” (Kardec, 1860/2002:44).

No que tange às teorias de transmissão do pensamento e do sonambulismo, o argumento final apresentado por Kardec é o seguinte:

“Ainda uma vez, e este é ponto capital sobre que nunca insistiremos bastante: a teoria sonambúlica e a que se poderia chamar refletiva foram imaginadas por alguns homens; são opiniões individuais, criadas para explicar um fato, ao passo que a Doutrina dos Espíritos não é de concepção humana. Foi ditada pelas próprias inteligências que se manifestam, quando ninguém disso cogitava, quando até a opinião geral a repelia. Ora, perguntamos, onde foram os médiuns beber uma doutrina que não passava pelo pensamento de ninguém na Terra? Perguntamos ainda mais: por que estranha coincidência milhares de médiuns espalhados por todos os pontos do globo terráqueo, e que jamais se viram, acordaram em dizer a mesma coisa?” (Kardec, 1860/2002:44)

Outras Teorias

Kardec ainda examinou outras teorias desenvolvidas para explicar os fenômenos mediúnicos. São elas: espasmo muscular, alma coletiva (um tipo de inconsciente coletivo), a teoria pessimista (apenas o demônio é capaz de se comunicar) a teoria otimista (somente os bons espíritos o fazem, bem como a teoria uni ou mono espiritual - apenas o Espírito Santo). Estas não serão analisadas neste trabalho devido aos limites do artigo. Pode-se consultar os escritos de Kardec sobre esses temas em alguns de seus livros (Kardec, 1861/2002; 1860/2002; 1859/1999).

A Teoria Espírita

Kardec aceitava que a fraude, a alucinação, as causas físicas, a atividade cerebral e ESP eram as melhores explicações para várias experiências tidas como mediúnicas, entretanto, argumentava que essas não eram capazes de explicar todo o conjunto de fenômenos observados. Conforme transcrito acima, Kardec descreve que as próprias manifestações mediúnicas inteligentes propunham a teoria de que a fonte desses fenômenos eram seres extra-corporais, chamados de espíritos. Entretanto, desde o início de suas investigações, Kardec reconheceu que não se deveria aceitar cegamente o que era dito nas comunicações mediúnicas (Kardec, 1860b; 1890/2005). Deve-se sempre usar a razão e a evidência empírica para julgar qualquer teoria proposta por médiuns em transe ou aqueles em estado normal de consciência.

A seguir, enumeramos alguns fenômenos ocorridos na época que encorajaram Kardec a aceitar a hipótese da sobrevivência do espírito. Essa lista compreende algumas importantes experiências mediúnicas, não propriamente explicadas por outras teorias:

- Médiuns fornecendo informações exatas que desconheciam previamente ou contrárias à crença de qualquer dos presentes à sessão (Kardec, 1858c,d,f; 1859a,b).
- Escritos produzidos com o auxílio de uma cesta em que médiuns mal as tocavam com a ponta de seus dedos. Desta forma os médiuns exibiam habilidades não previamente aprendidas, tais como: (i) médiuns analfabetos que escreviam com caligrafia semelhante à da personalidade comunicante quando estava vivo (Kardec, 1861/2002); (ii) pinturas ou desenhos por médiuns que não possuíam qualquer treinamento ou habilidade em suas vidas cotidianas (Kardec, 1858c,g); (iv) poesia (Kardec, 1859c); (v) xenoglossia ou xenografia (Kardec, 1860/2002; 1861/2002).
- Comunicações mediúnicas mostrando um largo espectro de características psicológicas (tais como, personalidade, humor, concisão, seleção de palavras, gostos e desgostos, etc.) relacionados à personalidade alegadamente comunicante (Kardec, 1858e; 1859 d,e,g).

3. DIRETRIZES DE KARDEC PARA DESENVOLVER UM PROGRAMA DE PESQUISA DE FENÔMENOS PSÍQUICOS

Kardec com freqüência discutia questões epistemológicas e metodológicas relevantes para o desenvolvimento de um programa científico abrangente para a pesquisa de fenômenos físicos (Kardec, 1861/2002; 1859/1999; 1868). Propôs várias diretrizes que podem ser úteis aos pesquisadores modernos. Alguns exemplos dessas diretrizes são:

O uso de métodos apropriados ao objeto da investigação

Kardec acreditava que não era apropriado emprestar, sem adaptações, métodos de pesquisa utilizados pelas ciências físicas (tais como a física e a química), porque essas tratavam com matéria inerte. Na investigação de mediunidade, estava-se lidando com fenômenos inteligentes.

As ciências físicas baseiam-se em propriedades da matéria, que podem ser manipuladas à vontade; seus fenômenos empregam forças materiais como agentes. Os fenômenos espíritas têm como agentes seres inteligentes que têm independência e livre arbítrio, não estão sujeitos aos nossos caprichos, e que, portanto, escapam às experimentações e medições de laboratório, permanecendo fora do domínio das ciências físicas. Os cientistas enganaram-se quando tentaram experimentos com espíritos como o fazem com baterias de voltaicas. Não foram bem sucedidos, como deveriam, porque pressupuseram uma analogia que não se aplica ao caso. Então, sem prosseguirem adiante, concluíram, por negação, que espíritos não existem. (Kardec, 1859/1999:22).

A investigação deveria ser fortemente baseada em estudos qualitativos dos fenômenos espontâneos:

Eles querem que os fenômenos ocorram, segundo sua vontade. Não se pode dar ordens aos espíritos; é necessário aguardar a vontade deles. Não basta dizer: “Mostre-me um fato e eu acreditarei”. É necessário perseverar e permitir que o fenômeno aconteça espontaneamente, a seu tempo. (...) O fenômeno desejado ocorrerá quando menos se espera. Aos olhos do observador assíduo, os eventos serão incontáveis e vão corroborar uns com os outros, mas aquele que acreditar que tocando uma manivela é suficiente para fazer a máquina andar, será irremediavelmente presa do engano. O que um naturalista faz quando deseja estudar os hábitos de um animal? Ele ordena ao animal que aja de determinada forma para que possa observá-lo? Não, porque ele sabe que o animal não o obedecerá. Ele observará seu comportamento espontâneo e registrará quando ocorre. Simples bom senso exige que assim se proceda com os espíritos, particularmente considerando-se que são seres inteligentes, com mais independência do que animais (Kardec, 1859/1999:27).

A posição fortemente questionável de que, para se fazer ciência autêntica, é necessário medir e utilizar um laboratório (Chalmers, 1982) tem sido muitas vezes advogada por cientistas em matéria de pesquisa psíquica/parapsicológica, desde o século XIX até os dias de hoje (Moreira-Almeida, 2006; Parot, 1993; Rhine, 1937). Vale lembrar que a teoria de Darwin sobre a seleção natural, amplamente aceita no contexto da ciência contemporânea, foi desenvolvida usando métodos qualitativos (Darwin, 1958; Ghiselin, 1969).

Evitar o ceticismo estéril e a credulidade; abertura para o novo

Vários pesquisadores tanto no campo das investigações psíquicas como nas parapsicológicas parecem aguardar pela *prova definitiva*, uma evidência cabal que convenceria qualquer observador. Por exemplo, J. B. Rhine declarou que “antes de podermos crer, a verdade deve ser estabelecida com base em experiências concretas, criticamente e deliberadamente conduzidas, cujos resultados deixem somente uma possível interpretação” (1937:7). Tal parece ser especialmente verdadeiro dentre céticos do paranormal como um todo e com relação à controvérsia sobre as pesquisas acerca sobrevivência do espírito (Cook, 1986; Ducasse, 1962; Moreira-Almeida, 2006; Richet, 1924; Rhine, 1956). Por mais de um século, filósofos da ciência demonstraram que esse objetivo é inatingível em qualquer empreendimento científico (Chalmers, 1978; Popper, 1963; Kuhn, 1970):

(...) hipóteses ou teorias científicas não podem ser conclusivamente provadas por nenhum conjunto de dados disponível, não importa quão preciso ou extenso (...) mesmo o mais cuidadoso e extensivo teste não pode nem eliminar uma de duas hipóteses ou provar uma delas: dessa

forma, estritamente interpretado, uma experiência crucial é impossível em ciência (Hempel, 1966:27-8).

(...) um resultado favorável mesmo em testes exaustivos e exatos não podem oferecer prova conclusiva para uma hipótese, mas apenas maior ou menor suporte à sua evidência, ou confirmação (...) (Hempel, 1966:33).

Por diversas vezes, Kardec admitiu que não há como provar definitivamente, em termos aceitáveis por todos, a teoria espírita:

(...) há céticos que negam a evidência e para quem nenhum fenômeno ou argumento seria convincente o suficiente (...) alguns ficariam perturbados, se a evidência os levasse a acreditar, pois confessarem que estavam errados feriria seu orgulho (Kardec, 1859/1999:27).

Para o pesquisador francês o verdadeiro cientista deveria ser aberto a evidências e hipóteses bem fundamentadas mesmo que contrariassem suas crenças anteriores. Ele próprio, inicialmente contrário à teoria da reencarnação, teve que ampliar e rever seus conceitos para aceitá-la (Kardec, 1858h; 1862a). A seguir, transcrevemos um de seus pensamentos acerca da natureza evolucionista do Espiritismo.

[Espiritismo] não pode deixar de ser, essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. (...) não estabelece como princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. (...) assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que sejam, desde que hajam assumido o estado de verdades práticas (...).Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. (Kardec, 1868/2002:44-5).

De acordo com Kardec, deveríamos nos “resguardar contra a exacerbação da credulidade e do ceticismo” (Kardec, 1858i:2). Sobre credulidade:

Em tudo, o exagero é prejudicial. Em Espiritismo, infunde confiança demasiado cega e freqüentemente pueril, no tocante ao mundo invisível, e leva a aceitar-se, com extrema facilidade e sem verificação, aquilo cujo absurdo, ou impossibilidade a reflexão e o exame demonstrariam. O entusiasmo, porém, não reflete, deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos aptos para convencer a quem quer que seja, porque todos, com razão, desconfiam dos julgamentos deles. Graças à sua boa-fé, são iludidos, assim, por Espíritos mistificadores, como por

homens que procuram explorar-lhes a credulidade. (Kardec, 1861/2002:45-6).

A necessidade de uma base empírica abrangente e diversificada

Kardec muitas vezes propugnou a necessidade de uma base empírica mais ampla e diversificada. Enfatizava que um pesquisador deveria tentar coletar todos os tipos de fenômeno que pudesse se relacionar com seu objeto de estudo (Kardec, 1858i). De acordo com ele, muitos erros e teorias insatisfatórias foram produzidas porque os investigadores basearam seus estudos e conclusões em uma série limitada de observações, cobrindo uma pobre variedade de fenômenos (Kardec, 1861/2002). Aumentar a base empírica, tornando-a mais abrangente, foi essencial para as revoluções científicas, tais como as produzidas por Galileu e Darwin (Darwin, 1958; Moreira-Almeida & Koenig, 2008).

Kardec solicitou que relatórios de manifestações mediúnicas de todo o mundo fossem enviadas a ele (Kardec, 1858i). Relatou que recebeu comunicações de quase mil centros espíritas sérios, espalhados por uma área altamente diversificada (Kardec, 1864/1987: 32). Fernandes (2004), ao investigar a amplitude da correspondência de Kardec, pesquisou suas publicações sobre Espiritismo e encontrou referências de contatos relacionados ao Espiritismo em 268 cidades de 37 países (África, Ásia, Europa e das três Américas).

A importância de uma teoria para um programa de pesquisa científica

Kardec enfatizou que o mero colecionar de fatos não seria suficiente para se fazer ciência, que uma teoria era essencial para tornar os fatos observados inteligíveis e guiar futuras pesquisas (Kardec, 1859e,f,h): “Toda ciência deve basear-se em fatos, mas esses, por si próprios, não fazem uma ciência. A Ciência é construída da coordenação e da dedução lógica dos fatos; é o conjunto de leis que governam os fatos” (Kardec, 1958i:3). Ele descreve seu papel no desenvolvimento do Espiritismo como o de “um observador atento, que estuda fatos para pesquisar-lhes a causa e extrair-lhes as conseqüências” (Kardec, 1868:36).

Ele também atentou para o fato de que propor nomes complexos para determinados fenômenos não era o mesmo que explicá-los (Kardec, 1859/1999). Outro ponto importante é que a teoria precisa ser abrangente, explicando uma grande variedade de fenômenos relacionados e não apenas alguns isoladamente:

[em relação a um médico que propôs a teoria do “músculo estalante” para explicar a ampla gama de fenômenos psíquicos] Reconheçamos, pois, que ele julgou sem ter visto, ou sem ter observado tudo e observado bem. É sempre de lamentar que homens de ciência se afoitem a dar, do que não conhecem, explicações que os fatos podem desmentir. (...) o que caracteriza uma teoria verdadeira é poder dar a razão de tudo. Se, porém, um só fato que seja a contradiz, é que ela é falsa, incompleta, ou por demais absoluta. (Kardec, 1861/2002:58-9)

Fatos não são suficientes para promover a convicção

Kardec afirmou que fatos isoladamente considerados não são suficientes para persuadir, mesmo os céticos de boa-fé. As objeções pré-concebidas deveriam primeiramente ser enfrentadas, após o que deveriam se mover gradualmente do que era bem conhecido e aceito para tópicos mais desafiadores. Estratégia idêntica foi usada, por décadas, por Frederic Myers (2001; Kelly et al., 2007) para apresentar seus estudos sobre pesquisa psíquica.

É crença geral que, para convencer, basta apresentar os fatos. Esse, com efeito, parece o caminho mais lógico. Entretanto, mostra a experiência que nem sempre é o melhor (...).
Todo ensino metódico tem que partir do conhecido para o desconhecido. (Kardec, 1861/2002:40).

Podemos até dizer que, para a maioria dos que se não preparam pelo raciocínio, os fenômenos materiais quase nenhum peso têm. Quanto mais extraordinários são esses fenômenos, quanto mais se afastam das leis conhecidas, maior oposição encontram e isto por uma razão muito simples: é que todos somos levados naturalmente a duvidar de uma coisa que não tem sanção racional. Cada um a considera do seu ponto de vista e a explica a seu modo. (...)uma explicação prévia produz o efeito de destruir as idéias preconcebidas e de mostrar, senão a realidade, pelo menos a possibilidade da coisa, que, assim, é compreendida antes de ser vista (Kardec, 1861/1986:46).

Quando alguém se depara com um fato que desconhece, quanto mais extraordinário ele for, mais suspeitas levantará e mais nosso pensamento tentará atribuir-lhe uma causa ordinária. “Entretanto, se o mesmo é entendido, rapidamente se reconhece como racional, e seu caráter maravilhoso ou sobrenatural, desaparece.” (Kardec, 1859/1999:44).

CONCLUSÕES

Poucos pesquisadores em parapsicologia e psicologia conhecem Allan Kardec e seu trabalho sobre os fenômenos psíquicos. Além desse desconhecimento, há vários mal-entendidos e fatos incorretos a respeito de sua vida e de seus estudos. Desconhecemos qualquer estudo acadêmico tendo por objeto os trabalhos de Kardec.

Há evidências suficientes para afirmar que Kardec merece ser lembrado como um intelectual francês que desenvolveu um programa de pesquisa pioneiro sobre mediunidade e outros fenômenos psíquicos. Ele foi um dos primeiros a propor e desenvolver uma abordagem científica para uma matéria até então considerada metafísica e não passível de investigação empírica e racional. Ele apresentou as

principais teorias para explicar experiências paranormais que até hoje são debatidas em parapsicologia. Também conduziu discussões muito elucidativas acerca dos aspectos epistemológicos e metodológicos da exploração científica dos fenômenos psíquicos. Seria valioso saber mais a respeito de seu trabalho, não somente para uma melhor compreensão histórica da pesquisa parapsicológica/psíquica, mas também pelas potenciais ferramentas científicas/filosóficas que podem ser úteis para avançar-se nesse campo. Mais estudos aprofundados relativamente ao trabalho de Kardec se fazem necessários.

Agradecimentos a Koss-Chioino, Sílvio S. Chibeni, Emma Bragdon, e Dora Incontri por seus valiosos comentários a versões anteriores deste artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. A. S. (2007). "Uma fábrica de loucos": psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950). (Tese de Doutorado, Departamento de História, Unicamp – Universidade de Campinas). Fonte <http://www. hoje.org.br/site/artigos>
- Alvarado, C. S. (2003). The Concept of Survival of Bodily Death and the Development of Parapsychology. *Journal of the Society for Psychical Research* 67(2), 65-95.
- Braude, S. E. (1992). Survival or Super-Psi. *Journal of Scientific Exploration* 6(2), 127-44
- Aubrée, M. & Laplantine, F. (1990). *La table, le livre et les esprits* (The table, the book, and the spirits). Paris: Éditions Jean-Claude Lattes.
- CEI – Conselho Espírita Internacional (2008). www.spiritist.org
- Chalmers, A. F. (1982). *What is this thing called Science?* 2nd. ed. Buckingham, Open University Press
- Chibeni, S. S.; Moreira-Almeida, A. (2007). Comentários sobre a investigação científica de fenômenos psiquiátricos “anomalous” *Revista de Psiquiatria Clínica* 34 (supl.1):8-15. Disponível em: <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol34/s1/en/index.html>
- Cook, E. W. (1986). The survival question: impasse or crux? *Journal of the American Society for Psychical Research* 81(2), 125-139.
- Darwin, F. (1958). *The autobiography of Charles Darwin and selected letters*. Edited by Francis Darwin. New York: Dover Publications Inc.
- Ducasse, C. J. (1962). What would constitute conclusive evidence of survival after death? *Journal of the Society for Psychical Research* 41, 401-406.
- Fernandes, W. L. N. (2004). Allan Kardec e os mil núcleos espíritas de todo o mundo com os quais se correspondia em 1864 Fonte: <http://www.spiritist.org/larevistaespirita/mil.htm>
- Fodor, N. (1966). *Encyclopaedia of Psychic Science*. New York: University Books
- Gauld, A. (1961). The “super-ESP” hypothesis. *Proceedings of the Society for Psychical Research* 53, 226-246.
- Gauld, A. (1968). *The founders of psychical research*. London: Routledge & Kegan Paul.

- Gauld, A. (1982). *Mediumship and Survival*. London: Paladin Books.
- Ghiselin, M. T. (1969). *The triumph of Darwinian method*. Berkeley: University of California Press.
- Hempel, C. G. (1966). *The Philosophy of natural Science*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall.
- Kardec, A. (1858c). *Médium pintor na América*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 1(11), 322-5.
- Kardec, A. (1858d). *Independência Sonambúlica*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 1(11), 325-7.
- Kardec, A. (1858e). *Uma Conversão*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 1(1), 18-20.
- Kardec, A. (1858f). *História de Joana D'Arc ditada por ela própria à Senhorita Ermance Dufaux*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 1(1), 32.
- Kardec, A. (1858g). *Observações a propósitos dos desenhos de Júpiter*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 1(8), 232-4.
- Kardec, A. (1858h). *Da pluralidade das Existências Corporais*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 1(11), 307-313
- Kardec, A. (1858i). *Introdução*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 1(1), 1-6.
- Kardec, A. (1859). *Fraudes Espíritas*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 2(4), 100-3.
- Kardec, A. (1859a). *Dirkse Lammers*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 2(12), 380-2.
- Kardec, A. (1859b). *Resposta a um artigo de l'Univers*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 2(4), 110.
- Kardec, A. (1859c). *Pensamentos Poéticos*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 2(4), 118.
- Kardec, A. (1859d). *Paul Gaimard*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 2(3), 72-6.
- Kardec, A. (1859e). *Fenômeno de Transfiguração*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 2(3), 66-70.
- Kardec, A. (1859f). *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Discurso de fechaemnto do ano social 1858-1859*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 2(7), 187-202.
- Kardec, A. (1859g). *Hitoti, chefe taitiano*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 2(3), 81-3.
- Kardec, A. (1859h). *Pneumatografia ou Escrita Direta*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 2(8), 228-33.
- Kardec, A. (1859/1999). *What is Spiritism?* Philadelphia: Allan Kardec Educational Society.
- Kardec, A. (1860). *Os Espíritos Glóbulos*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 3(2), 41-5.
- Kardec, A. (1860a). *Manifestações Físicas Espontaneas : O Padeiro de Dieppe*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 3(1), 81-5.
- Kardec, A. (1860b). *Formação da Terra. Teoria da Incrustação Planetária*. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 3(4), 110-12.

- Kardec, A. (1860/2002) O Livro dos Espíritos. 2 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.
- Kardec, A. (1861/2002) O Livro dos Médiuns. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira.
- Kardec, A. (1862a). A Reencanação na América. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 5(2), 47-8.
- Kardec, A. (1864). O Espiritismo na Bélgica. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos* 7(10), 304-7.
- Kardec, A. (1864/2002) O Evangelho Segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira..
- Kardec, A. (1868/2002) A Gênese. Os Milagres e Predições segundo o Espiritismo. Rio de Janeiro : Federação Espírita Brasileira.
- Kardec, A. (1890/2005). Obras Póstumas. Rio de Janeiro : Federação Espírita Brasileira.
- Kelly, E. F.; Kelly, E.W.; Crabtree, A.; Gauld, A.; Grosso, M.; Greyson, B. (2007). *Irreducible Mind: Toward A Psychology For The 21st Century*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers.
- Kuhn, T. S. (1970). *The structure of scientific revolutions* (2nd ed.). Chicago, IL University of Chicago Press.
- Melton, G. (1996). *Encyclopedia of occultism & parapsychology*. 4th ed. Detroit: Gale Research.
- Moreira-Almeida, A. (2006). Book review of “Is There Life After Death? An Examination of the Empirical Evidence, by David Lester”. *Journal of Near-Death Studies* 24(4), 245-54.
- Moreira-Almeida, A. & Koenig, H. G., 2008. Book review of: “Irreducible Mind: Toward a Psychology for the 21st Century”. *Journal of Nervous and Mental Disease* 196(4):345-6.
- Moreira-Almeida, A. & Lotufo Neto, F. (2005). Spiritist views of mental disorders in Brazil. *Transcultural Psychiatry* 42, 570-595.
- Moreira-Almeida, A., Almeida, A. A. S., & Lotufo Neto, F. (2005). History of spiritist madness in Brazil. *History of Psychiatry* 16, 5-25.
- Myers, F. W. H. (2001). *Human personality and its survival of bodily death*. Charlottesville: Hampton Roads Publishing. (Originally published 1903)
- Parot, F. (1993). Psychology experiments: Spiritism at the Sorbonne. *Journal of the History of Behavioral Sciences* 29, 22-8.
- Popper, K. (1963). *Conjectures and refutations*. London, England: Routledge.
- Rhine, J. B. (1937). *New frontiers of the mind*. New York: Farrar & Rinehart.
- Rhine, J. B. (1956). Research on spirit survival re-examined. *The Journal of parapsychology* 20(2), 121-131.
- Richet, C. (1924). For and against survival. *Proceedings of the Society for Psychical Research* 34, 107-113.